

REGIONALISMO E LITERATURA EM MATO GROSSO: AS REDES DE SILVA FREIRE

Edilson Floriano Souza Serra¹

RESUMO

Neste artigo estudaremos o texto *As redes* do poeta Silva Freire. Qual conceito o artista tem de regionalismo? Trata-se de uma regionalidade mais *rural*, bucólica, ou se vincula ao espaço urbano, contrariando inclusive a noção que críticos como Chiappini têm de regionalismo? Mas antes de falarmos de regionalismo ou do *local*, é necessário fazermos uma incursão por esse movimento que se sistematiza em oposição ao conceito de *global*. Assim, o trabalho fica dividido em duas partes, uma em que fazemos incursão no tema *regionalismo e literatura*, outra em que vemos como esse discurso é elaborado no texto do escritor mato-grossense.

Palavras-chave: regionalismo, literatura, identidade, *as redes*.

Globalização e regionalismo

O estudo acerca das identidades tem preenchido grande parte das prateleiras das bibliotecas e ocupado um amplo espaço nos simpósios acadêmicos. Isso tem ocorrido, a preocupação com as identidades, resultado da alteração dos sistemas simbólicos pelas quais essas identidades são representadas, conforme Khathryn Woodward, (SILVA, 2000). As identidades nacionais têm sido deslocadas e juntamente com esses deslocamentos inúmeras outras posições de identidade têm sido repensadas. Essas mudanças, no entanto, não estão ocorrendo apenas nas esferas global e nacional:

A formação da identidade ocorre também nos níveis local e pessoal. As mudanças globais na economia como, por exemplo, as transformações nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufatura para o setor de serviços têm um impacto local (SILVA, 2000, p. 28).

Vários autores têm abordado a existência de uma identidade em crise devido às modificações desses contextos, e muito se tem discutido acerca das identidades: “Na

¹ Professor de Língua e Literatura no IFMT – Campus Pontes e Lacerda. Especialista. Mestrando do MeEL-UFMT. E-mail: edilsonserra@hotmail.com

arena global, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais “local”, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, com as relações pessoais e com a política sexual” (SILVA, 2000, p. 37).

Para Kathrin Woodward (Idem, 2000) as crises de identidades estão associadas ao que Laclau chamou de deslocamento. Conforme esse conceito as sociedades modernas não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve o deslocamento das classes sociais. Classe social tomada no conceito a partir da descrição contida nas análises marxistas; classe como categoria mestra, reguladora de todas as outras funções sociais. Ao invés de haver uma força única que regule, que molde as relações sociais, existe uma multiplicidade de centros norteadores dessas relações. Afirma Woodward (SILVA, 2000), que apresentam vantagens esses deslocamentos, uma vez que ocorre “uma relativa diminuição da importância das afiliações baseadas na classe, tais como os sindicatos operários e o surgimento de outras arenas de conflito social, tais como as baseadas no gênero, na raça, na etnia e na sexualidade” (Idem, 2000, p. 29).

Os discursos só têm validade se suas interpelações nos acionam enquanto sujeitos. Assim, em meio a infinitas construções de significados, nos identificamos com alguns discursos e esses discursos são as nossas identidades. Ocorre nos contextos sociais um fluxo: posicionamo-nos e somos posicionados diferentemente em cada um desses contextos ou campos sociais, logo, temos várias identidades. Essas identidades não são fragmentadas apenas dentro do espaço social, mas também no tempo. Se somos, por exemplo, professores, pais, telespectadores, consumidores etc., isso não significa que possuiremos número X de identidades. As variações identitárias podem ocorrer diferentemente dentro de cada um desses campos sociais, de forma que, dentro do contexto específico de professor ou telespectador (ou qualquer outro), possamos assumir outras inúmeras posições de identidade. Essas experiências – e a quantidade delas – são vividas no contexto de “mudanças sociais e históricas, tais como mudanças no mercado de trabalho e nos padrões de emprego” (Idem, 2000, p. 31). Entre esses discursos infinitos, postulados a partir do indivíduo e para ele, estão o de raça, de etnia, de classe, etc. Para vários estudiosos o fenômeno da globalização está intimamente ligado a esse retorno ao local que se tem visto nas últimas décadas. Assim, a formação

de um discurso regionalista, seja na literatura, seja em outros campos de atuação não é algo que ocorra gratuitamente ou espontaneamente, mas resposta a uma demanda específica.

Ligia Chiappini (1995), no artigo *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, publicado na *Revista de Estudos Históricos da Faculdade de História*, do Rio de Janeiro, afirma a existência ao mesmo tempo que problematiza a literatura denominada de regionalista. A autora inicia o texto confirmando uma relevante suspeita quanto à *existência* do regionalismo na literatura, afirma que o regionalismo não só não está ultrapassado como além de ter persistido como tema atuante, tem recebido incrementos nas diversas áreas de estudos das ciências humanas. Essa amplitude é justificada pelos regionalismos que se acentuaram nas últimas décadas, em decorrência, para a autora, só aparentemente paradoxal, da globalização. Do fenômeno de globalização resultaria o fôlego que esses movimentos têm ganhado nos últimos tempos. Sobre esse fôlego do regionalismo na literatura a autora afirma ainda que este se trata de um fenômeno não só universal, mas histórico, uma vez que também resiste ao tempo, originando-se no conflito, ou melhor, a partir do distanciamento entre o homem do campo e o cidadão.

Com base nesses pressupostos a autora se autoriza a formulação de dez teses sobre o regionalismo na literatura. Lança essas teses na intenção inclusive de relativizar o olhar que boa parte da crítica brasileira tem sobre esse tema, o de uma literatura menor, servil, superficial e condenada ao beco.

Um problema crucial ao se pensar em regionalismo que as teses pretendem colocar é como é possível a obra comunicar ao mesmo tempo o homem rural e cidadão sem alienar nenhuma dessas esferas de saber. Parafraseando a autora coloca a questão: “Como fazer um narrador ou um personagem falar como se à sua direita tivessem um parisiense e à sua esquerda um camponês” (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

Embora alguns teóricos tendam a associar o temário do regionalismo ao bucolismo medieval ou clássico, que remontaria, neste último caso, às odes horácianas, Chiappini argumenta que o regionalismo tal qual é conhecido hoje é sintoma da modernidade, uma vez que sua constituição se dá a partir da dicotomia cidade/campo, que por sua vez não se trata de um fenômeno que ultrapasse este ciclo histórico:

Na verdade, a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. Ele é, portanto, um fenômeno moderno e, paradoxalmente, urbano (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

O regionalismo, tal qual como formulado na atualidade, não se vincula ao passado histórico da civilização ocidental, mas é proveniente de certa literatura produzida a partir do século XIX, como resultado da tensão entre o homem rural e o urbano. Emerge assim essa literatura da tentativa de dar voz ao primeiro. A literatura regionalista, conforme Chiappini, vive da tensão entre idílio romântico e representação realista.

Para a autora, o regionalismo não é constituído apenas dos elementos da obra que traduzem certas peculiaridades de uma região, como credices, língua, etc., assim sendo toda obra seria regionalista já que sempre trará em sua diegese, em seu interior, marcas ora mais explícitas ora mais implícitas de territorialidade. Prefere a autora o argumento histórico que entende a literatura regionalista como aquela que se vincula a temas de regiões rurais, expressando, sobretudo, suas particularidades linguísticas. Esse posicionamento tende a excluir do universo regionalista boa parte do que se entende como literatura de caráter regional, uma vez que, sobretudo no Brasil, o sentido de urbano e rural se vinculam fortemente à ideia de centro e periferia, ou melhor dizendo, de lugar acessível, privilegiado por certas demandas e lugares quase inacessíveis, que não gozam dos privilégios daquele outro, em última instância, de lugares ricos e lugares pobres, miseráveis. Enquanto que na Europa essa relação limita-se a ideia de centro e periferia, no Brasil abrange o conceito de riqueza e pobreza. Assim, quando se emerge uma literatura de caráter regionalista a intenção é, também, de se fazer ouvir acerca de necessidades básicas de sobrevivência. Ademais, como definir o ambiente rural? Seria aquele com total ausência de referenciais de urbanidade: asfalto, praças, um comércio de subsistência? Mato Grosso, no contexto da produção silvafreiriana, com quase a totalidade de seu produto interno voltado para a agropecuária, seria um ambiente rural ou urbano? Essa classificação, aliás, é dada por quem está dentro ou quem está fora? Queremos dizer, dependendo do ponto de vista de quem observa pode haver enorme variação desse aspecto, até mesmo porque o imaginário que o centro (o sudeste) tem de nossa região remete a um ambiente ainda bastante silvícola.

Em sua quarta tese, a autora salienta esse caráter político dos movimentos

regionalistas, que consiste em agregar por um lado nostálgicos e xenófobos, mas por outro, agrega-se a essa vertente aqueles que têm por intenção se manifestar contra as injustiças sociais que permeiam o homem do interior. Infelizmente, no Brasil, há uma parte da crítica que vincula esse tema, sobretudo, àqueles escritores que tendem ao reducionismo, à xenofobia, etc. Desvalorizando a tendência em sua integralidade e fechando os olhos para esses autores, ou ainda deslocando para outro campo aqueles que julgam produzir uma literatura de qualidade. Quando uma obra regionalista por sua qualidade estética se sobressai, a crítica trata logo de tratá-la como universal, esquecendo-se, todavia “que é o seu espaço histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Por outro lado, para a autora, reduz o estudo acerca do tema a ideia de um regionalismo fixo, invariável. O regionalismo literário não é estático, pelo contrário, está sempre sendo conduzido pelas variações históricas de cada época, o que não o torna por isso, pior nem melhor, é justamente essa adaptação aos contextos que o reatualiza e conseqüentemente o mantém vivo.

Continuando suas teses sobre o regionalismo na literatura, a autora adverte para as várias facetas do que se compreende por regionalismo. Para Chiappini (1995), é necessário se distinguir o regionalismo como programa, movimento, seja político, cultural ou mesmo literário das obras que resultam deste, essa associação pode resultar empobrecedora. Mesmo o regionalismo que tem por orientação dar voz à determinada camada de excluídos em relação ao homem urbano apresentará problemas específicos. Quanto a esse mesmo problema Zilá Bernd (1992), alerta-nos para as armadilhas no caminho da busca identitária ressaltando que esta pode transformar-se em etnocentrismo:

Em literatura, esta tendência cantona os escritores, condenando-os a uma espécie de guetização devido à extrema estabilidade de uma escritura imobilizada pelas determinações da missão que ela própria se impôs: a de contribuir para o reagrupamento dos membros de uma comunidade (BERND, 1992, p. 17).

De maneira similar ao que ocorre dentro dos regionalismos, vários autores sentindo-se na missão de contribuir para a formação da identidade brasileira lançaram

mão de suas obras para erigir uma identidade para o país, como por exemplo, José de Alencar, com Ceci e Peri; Gonçalves Dias, entre outros. Durante muito tempo o nacionalismo ficou em moda em textos de nossos literatos, inclusive serviam de referência para a determinação de bons e maus escritores. Essa tendência, é claro, influência tardia das metrópoles europeias.

Machado de Assis afirma em seu texto *Instinto de Nacionalidade* (COUTINHO, 1992) que a questão da cor local deve ser levada apenas até certa medida, “é claro que se espera que o escritor tenha certo sentimento íntimo que o torne homem de sua época e de seu país” (COUTINHO, 1992, p. 85), mas há de se existir outrora em sua obra literária certa transcendentaridade quanto ao *local*, existem aqueles que se querem universais e são sem abandonar a primeira questão.

A nona tese da autora trata da estruturação do espaço regional. Para além de uma reprodução de caráter meramente fotográfico de dada região, a obra regionalista é resultado de um espaço subjetivo costurado a partir das vivências do artista.

Na obra regionalista, a região existe como regionalidade e esta é o resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção, momento cultural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

A dicotomia entre local e universal se torna falsa na medida em que o local e o provincial são vistos como modo de formar sobre o mundo. O interessante se torna então ver de que forma o universal se constitui no particular e entre outras coisas esse é o papel do crítico, ver como, de que forma é essa passagem de um beco a outros becos e, logo, ao belo.

Adiantando-se na discussão que quer colocar, Pozenato (2003), sentencia que o regionalismo pode ser estudado como um microcosmo das relações de humanas, ou seja, inclusive como reflexo da mundialização da cultura. Esse ponto de vista, primariamente já se afasta daquele preconizado por Chiappini, uma vez que tende a enxergar o regional como uma redução do global.

Para Pozenato (2003), a região se constitui a partir de uma divisão mais ou menos arbitrária de um espaço e sua demarcação só não é totalmente arbitrária porque regida também por leis de outra ordem, por exemplo, a possibilidade do alcance do

poder. A partir desse pressuposto, define o que entende por regionalidade:

A regionalidade pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação. Isto implica em admitir que o mesmo fenômeno, visto sob a perspectiva da regionalidade, pode ser visto sob outras perspectivas. A existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade (POZENATO, 2003, p. 3).

A regionalidade, desse ponto de vista, é arquitetada, estruturada conforme signos, símbolos que a representam. Assim, é só através da formulação e assimilação desses elementos que essa rede se constituirá. Segundo Posenato (2003), a regionalidade é sempre estabelecida por um autor (um líder, uma coletividade, etc.) e se constitui por um conjunto de relações simbólicas. A regionalização é vista como processo que se constitui dentro e fora dos limites do regional.

Tal qual Chiappini (1995), Posenato (2003) ressalta que nas últimas décadas o conceito de região ganhou novos realces em decorrência dos deslocamentos do sentido de nacionalidade oriundo do fenômeno de globalização. Enquanto Chiappini, no entanto, toma cuidado para não antagonizar o processo de globalização com aquele do *retorno ao local* de que se tem falado, até mesmo porque esse *retorno* no sentido de retroagir, retroceder no tempo não acontece nunca, já que novas demandas são preenchidas pelas identidades culturais, e da mesma forma foge da dicotomia entre nacional/regional, Posenato insiste nesse antagonismo e afirma que no Brasil em especial, o regional se estabelece por contraposição ao nacional. Para o autor, o regional se consolida como uma tentativa de constituição de uma identidade particularizada em meio à tentativa de homogeneização a partir do centro. Ademais, frisa que o regional se constitui também como voz representativa para o atendimento de determinadas carências.

As distinções entre regionalidade, regionalismo e regionalização que o autor faz em seu artigo é bastante relevante. Neste trecho o autor chama a atenção para a proximidade semântica desses três termos que resulta sempre em confundi-los ou tomá-los como sinônimos. Para o autor regionalidade consiste nas relações do fato literário com uma dada região. O regionalismo, trata-se de espécie particular de regionalidade,

assim, se constituiria das idiossincrasias que simbolizam um espaço determinado. É a criação de um espaço que se diferencia, seja pelo dialeto, pelos costumes, etc., dos demais. A demarcação, o apontamento dessa dissociação presente na obra que marca esse novo espaço é que definiria o regionalismo.

Já a regionalização seria um programa de ação voltado “para o estabelecimento ou o reforço de relações concretas e formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas que vai sendo estabelecida.” (POZENATO, 2003, p. 7). Seria, em primeira instância, tal qual explicita o verbo, a ação de regionalizar, tornar regional, ou seja, uma estratégia orientada por um programa político.

As redes do regionalismo em Freire

Quanto a *Águas de visitação*, poderia muito bem ser designado Silva Freire “O poeta do Deslocamento” ou “O poeta da Transitividade”, e essa denominação teria a propriedade de logo despertar o leitor para um elemento fundamental na poética desse escritor tão mato-grossense quanto definiu a si mesmo, a relevância do deslocamento na maioria de seus textos. Se por um lado, fragmentada tal qual quer o concretismo no qual se inspirou, sua poesia, por outro lado, tece-se como uma enorme rede de significações que atrela o tema da primeira até última página, a maneira de Mallarmé em *Um lance de dados*, poeta que muito provavelmente lhe serviu de referência. Esse atrelamento, essa amarração em Silva Freire, no entanto, não é gratuita, mas consiste numa tentativa audaciosa de remendar espaços, viveres, estabelecer comunicação entre eles na intenção de formar um só espaço. Espaço este regionalista. Acerca dessa ação, Pozenato sentencia:

Afastando as ideias, ou imagens, de centro e de fronteiras, a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância. O grau, o volume, as características, a complexidade que podem assumir essas relações, tanto as próximas como as distantes, vão depender de diversas variáveis, dentre as quais a mais importante, sem dúvida, é a da existência de canais de comunicação (POZENATO, 2003, p. 9).

Pensando nessa comunicação entre os vários contextos desse grande espaço que se deseja entender como uno, que o poeta tece seu discurso, que se constituirá um elemento de enlace para formação da regionalidade.

Foi dito certa vez acerca dos poetas concretos que para esses poetas as “palavras são coisas”, acrescentaríamos a essa observação, no tocante a Silva Freire, que para o poeta palavras são coisas vivas, porque pulsantes, em constante transitividade consigo mesmas e com outras palavras. Tomemos a palavra que dá nome ao texto, “rede”, embora um substantivo simples, comum, no texto ganha nova dimensão pela plurissignificação que lhe é atribuída. A palavra começa por designar o instrumento de trabalho do pescador e ao longo do texto vai adquirindo outras facetas semânticas, vai desfilando em novos espaços e constituindo novas imagens para o leitor. É realmente uma coisa, mas viva, que perambula pelo espaço em branco do papel e com ele compõe sentidos sempre particulares. Não é um texto para um leitor descuidado que apreenderia a significação de algumas palavras no início de texto e precipitadamente julgaria serem signos dos mesmos elementos, ao contrário, é antes, um texto para o leitor desconfiado, que está atento a esses deslocamentos dos planos de expressão e conteúdo. Como cada linha em Freire, a palavra constitui-se como um órgão vivo ao mesmo tempo particular e componente de um todo complexo que, por sua vez, somado a outros textos do livro, compõe uma ideia particular de regionalidade. A palavra “rede” não quer dizer puramente do que se depreende do dicionário, já que ela mesma é decomposta em sua raiz a partes mínimas que, juntada a outros prefixos, sufixos e radicais formarão ideias, coisas novas. Observemos:

*– da rede do menino
despenca
do algo
do do
do doe
do doe . r
da do...r
do galho do algodoeiro*

Ou ainda:

*– a rede renda de luar
o balanço da (ré)estória.*

A rede constitui-se para além da mera denotação, é, pois, estopim para a elaboração de espaços distintos daquele que compõe o meramente urbano e também diverso de uma ruralidade análoga a qualquer indício de especificidade, ou seja, o urbano/rural latente no texto não é este ou aquele definitivamente, são todos que se formam um pela costura que a rede faz. O espaço ribeirinho, o espaço a um tempo doméstico/privado e ao mesmo tempo público das tecedeiras de redes, o espaço íntimo da rede como lugar de repouso após um dia de trabalho, o espaço misterioso e difuso da natureza na caça noturna, a espera², e também “o espaço do morto”, conforme assinala o próprio poeta.

O autor, ao lançar mão da polissemia para a designação do quem vem a ser “rede”, renova o sentido da palavra conduzindo o leitor ao emaranhado semântico no qual o termo acaba implicando. Tratar a palavra restringindo-a a apenas uma de suas possíveis significações redundaria em enfraquecê-la, já que ela mesma denota originariamente a ideia de conjunto, de entrelaçamento de elementos distintos.

O termo, que como elemento catafórico que é o título, seria apenas indicador do tema geral do poema: as redes; funciona sobremaneira como sujeito do enunciado. Para a composição desse sistema a rede sofre no decorrer do poema um processo que vai da simples metonímia à reificação, não são os outros que descansam nela, mas ela é quem descansa do dia, ela quem *espreguiça*, se *sociolha* e em seguida *socióloga o conflito / do homem sem leito*.

Diferentemente do concretismo, que reduziu a palavra a mero elemento como qualquer outro risco aleatório no papel, ou mesmo levou o texto poético a ser questionado enquanto tal, como salientamos nesta análise que o crítico Salvatore D’Onofrio faz do poema *Epithalamium II*, de Pedro Xisto,

É claro que a insistência por parte do poeta em por em relevo o aspecto gráfico de um texto aproxima a poesia de uma outra arte, o desenho. No exemplo anterior, em rigor, não deveríamos falar em poema, mas de um artefato, visto que a substância da expressão da arte poética é a palavra, e não o gráfico, pelo menos em nossa cultura. (D’ONOFRIO, 2003, p. 9).

² O equivalente à tocaia. Nome dado ao tipo de caça noturna que consiste na prévia identificação do trajeto do animal. Tendo identificado o percurso habitual deste, o caçador espera em local estratégico (via de regra, uma árvore) de forma que quando o animal passe, seja abatido ou preso.

Para o poeta que estudamos, a palavra (pelo menos em se tratando do livro *Águas de Visitação*, já que em outras produções Freire frequenta a mesma linha limítrofe entre o desenho e o poema), ainda é o principal elemento de construção, ainda mantém seu *status*, embora essa concessão não saia gratuita, pois esse símbolo precisou se deslocar de sua coerência tradicional para coisificar-se e renovar-se de seus significados diluídos pela força do uso.

Junto ao substantivo “rede”, que no texto ganha uma espécie de transitividade, outras palavras-coisas ganham novos adereços linguísticos/semânticos para dar a liga de que o poema aparentemente fragmentado precisaria. O hífen no texto é usado como elemento de enumeração dos variados universos pelos quais o elemento “rede” circula. De um total de cinquenta e quatro estrofes, o sinal não introduz apenas duas, ocasionalmente ou não, aquele que começa: “sem eira nem beira” – talvez o hífen aí corresse o risco de encampar a noção de ‘beira’ de que o poeta quis se esquivar – outra estrofe sem o sinal é a seguinte a essa, que continua no mesmo campo semântico (ainda que alegórico) de casa. Nesse sentido, a hifenização do poema tem a proposta de dispersar, separar, distinguir, tal qual qualquer texto em tópicos, elementos distintos, que devem estar separados. Sua força desmembradora, fragmentária, no entanto, é em boa parte diluída pelo elemento do qual já discorreremos, a ‘rede’, que tende a entrelaçar os conjuntos linguísticos do poema.

Outras novas palavras vão se constituindo no texto através dos neologismos. Substantivos sofrem sufixações e se transformam em verbos que, tal qual boa parte da disposição gráfica das estrofes, se movimentam para lá e para cá. Ora a rede é agente, o sujeito de uma ação, ora é paciente, recebe ação sobre si, é lugar.

Além do elemento semântico que estabelece no poema a noção de conjunto, há que se considerar ainda suas características sonoras que corroboram com a ideia de unicidade que tentamos apontar. Embora fuja a certas regularidades tradicionais de uso do som, é visível no poema o entrelaçamento desses estratos. Observemos:

espetá
o encanto
do acalanto
acalenta
o canto
e o pranto

Ou:

– *na timba*
o curvo uso
dos corpos:
atos
fatos
fetos
revida

Ou ainda:

– *a redespreguiça*
o leve do leque
o longo da linha
o longe que se enc(olhe)

Nos casos acima temos exemplos tanto de rima emparelhada *encanto/acalanto*, *canto/pranto*, de paronomásia *curvo/uso/corpos/atos/fatos/fetos*, como de aliteração *leve/leque/longo/linha/longe/enc(olhe)*. No entanto, é fato que o poeta, como é observável mesmo nos exemplos acima, rejeita o esquema rítmico na sua rigidez ancestral. Semelhantemente à poesia construída a partir de nosso modernismo, embora não abandone de vez os aspectos sonoros do texto, mas os prefere repentinos, acidentais. Assim, esse texto construído sob a insígnia, a lei do *enjambement* ou encadeamento, fornece ao leitor a ideia de ser ele mesmo um entrelaçamento de fios, de versos em conformidade com o tema abordado. Corrobora com isso a ausência de sinais de pontuação, tal qual a vírgula e o ponto final. Duas vezes eles aparecem, mas sem a intencionalidade de encerrar uma sequência de pensamento, pelo contrário, estão encerrados no interior da palavra: *do doe.r/ da do..r/* . Uma terceira vez aparece a reticência e outras vezes o sinal de dois pontos, este com valor específico de enumeração.

O texto, conforme até aqui apontamos, bem entrelaçado, busca a reconstrução do velho *habitat*, e aqui não é possível afirmar que rejeita o ambiente meramente urbano e se desloca para o campo, nem vice-versa. Sua intenção é amearhar esses espaços e deles apreender o que há de intuitivo, de aparentemente comum e que consiste na regionalidade que o autor quer exaltar. Através da ausência de pontuação e da ausência de letras maiúsculas o poeta nos induz a não procurar um ponto de origem das coisas já

que o tempo/espaço para o homem do interior é um tempo e um espaço cíclicos. O tempo e o espaço são cíclicos porque o homem mato-grossense, aquele que comumente frequenta a rede que é mote para o poema, deve obedecer ao ciclo da seca/cheia em nossas terras, tal qual das queimadas, deve se curvar aos espaços reservados ou não para o plantio numa época e noutra. Deve estar atento ao deslocamento do gado para que este desfrute do pasto viçoso. Da mesma maneira, não pode descuidar-se do período apropriado à pesca quando – *o rio se lamina de peixe* ou da época certa de colher o algodão que será matéria-prima para as tecedeiras de redes.

Se associarmos o título/tema do poema analisado com outros que compõe *Águas de visitação: Garimpo da infinitude; Os oleiros; Cerrado/raízes; Carvoeiro/vegetal; Seringal/seringueiro; Canavial; Os cavalos; Giro do couro cru; Os pássaros; e Campus da universidade*, notaremos uma persuasiva intenção de descrever pela poesia os espaços ou organismos que constituem o corpo daquilo que o autor compreenderia como regional. Para isso, não deixou de lado a alma que circula e significa esses ambientes, como é perceptível ainda mesmo nos títulos assinalados. Quando fala de canavial diz também do cortador de cana, quando cita o garimpo não deixa de se deter no sacrifício do garimpeiro, quando faz alusão ao seringal quer dizer dos homens, e assim vai tecendo metodicamente esse universo que soube renovar através de sua palavra vivamente singular.

Referências

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis – Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. p. 153-159.

DANTE, Tringali. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa Editora, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 2: Teoria da lírica e do drama*. 1. ed. 4. reimp. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Silva. *Águas de visitação*. 3. ed. Cuiabá: Adufmat, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

REGIONALISM AND LITERATURE IN MATO GROSSO: AS REDES BY SILVA FREIRE

ABSTRACT

In this article we will study the text of the poet *As redes* Silva Freire. What artist has the concept of regionalism? It is a regionally more rural, bucolic, or is linked to urban space, contradicting the notion that even as critics have Chiappini regionalism? But before we talk about regionalism or local, is necessary to make a foray into this movement that is systematized in opposition to the concept of global. Thus, the work is divided into two parts, one in which we foray into regionalism and literature topic, one where we see how this discourse is elaborated in the text of the writer of mato-grossense.

Keywords: regionalism, literature, identity, *as redes*.